

QUINTA-FEIRA
Lisboa--13 de Março--de 1930

51 ingá **TOES**
Cap.

4.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

199



sempre
fi semanario
fumorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 43

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

SANCHEZ GUERRA... EM TEMPO DE PAZ

"Creio que depois d'este discurso pouca gente me seguirá. Os espinhos começam agora." (Dos jornais).



—Então, se não lhe agrada nenhum, que tenciona usar na cabeça?
—Uma "corôa" de espinhos. Tire-me a medida.



Os ditos da semana



João de Deus — Uma grande mania a dos homens celebres se pudessem assistir ao seu proprio centenario...

Deve, na verdade, ser muito doloroso assistir ao banquete dos guzanos, tripudiando sobre um cadaver.

Deve custar muito sentir os vermes ás cavalitas sobre a nossa gloria, não para nos glorificar, mas para que os outros os vejam tu e tu lá comnoseo.

Pudesse João de Deus o grande poeta, o formidavel inventor do melhor metodo de leitura que ha no mundo — erguer-se neste momento do claustro dos Jeronimos e a sua coleção de Criptinas seria notavelmente aumentada, porque João de Deus, além de tudo o mais, foi um profundo humorista, ainda mesmo que o nosso bom Alvaro de Andrade não queira reconhecer-lhe essa qualidade, assunto em que é entendido.

O que não diria, de muitos dos seus glorificadores, o homem que não se deixava embriagar com adulações e não perdoava mesmo aqueles que, incensando-o, o faziam com menos sinceridade?..

A proposito:

Um dia recebeu João de Deus um livro de versos, assinado por um nome retumbante nas letras, — nome já tão consagrado como a vaidade do seu possuidor.

Sabia-se, e sabia João de Deus, que o illustre confrade, por uma natural emolação que roçava talvez já pela inveja, o não *gramava*, digamos o termo.

O avto trazia uma dedicatória:

A João de Deus, o segundo poeta portuguez, porque o primeiro é Camões.

Leu João de Deus compassadamente a dedicatória, saboreando a e, com certa tristeza de comiseracão, commentou:

Porque o primeiro e Camões. Explicou, a besta, não fosse algum pensar que era ele o primeiro.

A psitacose Recortamos dum jornal da manha:

LONDRES, 6. — Os medicos do hospital de Londres descobriram a origem da doença do papagaio, tendo sido isolado nos casos da doença nos papagaios e nos seres humanos, o bacilo que faz parte do grupo dos agentes da doença, que produz erupções analogas ás de varíola e ataca os pés e a boca.

Os pés e a boca? Tratando-se de doença de papagaio, isto é o que se chama andar á roda da questão.

... não serve para ninguem. Dao-se almas... Travessa do Cotovelo, 137 4... E, ao L. do Corpo Santo

Como pode haver esperanças de que semelhantes oculos venham a ser encontrados por alguém?

Se, apesar das duas vistas que tem, o dono não foi capaz de ver que os perdia, como é que qualquer outra pessoa os ha-de ver, se eles não servem para ninguem?

Estão perdidos e muito bem perdidos.

Anuncios Do Diario de Noticias.

Oculos perdidos

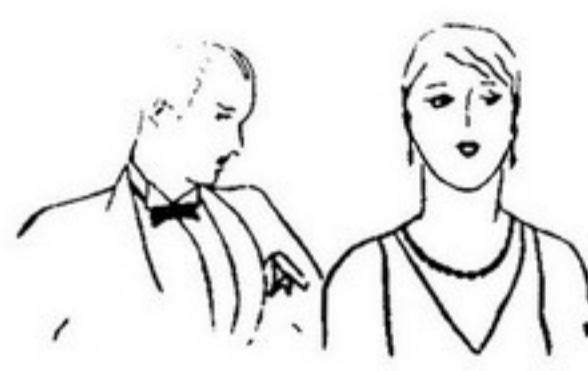
... 12 dias de validade... no bairro... de Santa Maria e provincia

Brinco

PERDEU-SE pingente antigo, 2ª feira Carnaval. Gratifica-se quem entregar v. Conde Velho, 63, 2.ª

Pingentes antigos encontramos mais de mil, na 2ª feira de Carnaval, mas nenhum

RIDENDO...



—Estou tão triste e tu nem sequer me perguntas o motivo.
—Olha querida, não pergunto porque tenho medo que isso me saia muito caro.

Ramon del Valle Inclan que para fazer ferro ao nosso querido Antonio Ferro inventou com paradoxal humorismo esta manta de retalhos



—Então, tem estado satisfeito, sr. barão?
—Muitissimo, minha senhora! Creia V. Ex.ª que esta noite vou sonhar... com a sua cosinheira!...

era com certeza aquele a que se refere o anuncio.

Notamos até que os aludidos pingentes, quanto mais antigos eram, mais gaiteiros se faziam.

Ficamos sem a gratificação, mas não vamos lá levar-lhe nenhum dos pingentes que encontramos perdidos por essas ruas e hautes na 2ª feira gorda.

Ele era cada pingente!..

O ovo do dia A Casa Daupias iniciou, na semana passada, a venda do «ovo do dia», que é como quem diz o ovo acabado de pôr, o ovo fresco por excelencia, tão fresco que ainda vem quente e quasi mole.

É o ovo que se aconselha para a gemada matutina, porque é o ovo que viu a luz justamente á hora em que todos nos a vemos tambem luzir pelo buraco. Quando, depois de uma noite bem dormida, nos abrimos o olho, faz a galinha o mesmo (acordamos ao mesmo tempo) nós para pôr nos o pé no chão e a galinha para pôr o ovo.

Entre a postura e a gemada que a creada nos apresenta, medeia tão pouco tempo, que a gente chega a ter a impressão de que a galinha nos poz o ovo na boca.

Que frescura! Que sabor! Que delicia! É como quem vai á fonte e bebe a agua fresca da torneira com todo o sabor, com todo o perfume da origem.

Este ovo que a Casa Daupias vende sempre com menos de 12 horas de posto é o que se chama um ovo por um real, um pau por um olho, um negocio da China. Ha quem lhe chame o ovo expresso, o ovo relampago, tão rapida é a sua trajetória desde a origem á boca do consumidor. As vezes, quando a gente abre a boca para o comer, ainda a galinha não tem fechado... o bico, depois da cacarejada com que habitualmente festeja o seu bom sucesso.

THEATRO

«RETROZ PRETO...»

A classe teatral, ou mais propriamente, os que precisam do teatro para viver, atravessam uma hora amarga. O palavrão *crise* depara-se-lhe constantemente. Vem aí a *crise*... A *crise* porque estamos passando... Tudo é a *crise*. É a *crise* que tem a culpa e é a *crise* a taboa a que se agarram para explicar o insucesso ou a queda de uma peça... Pois bem, seja a *crise*. Mas *crise* de quê? De público? Não. O público aparece quando lhe dão bom teatro e boas interpretações. Poderíamos dar exemplos. É *crise* de peças? Talvez. Mas, procurando bem e havendo critério, pode falhar-se uma vez, mas acaba-se sempre por acertar. *Crise* de artistas? Embora, realmente, ela exista, querendo-se e havendo a chamada boa vontade e conhecimento do que se está fazendo, ainda se conseguem elencos bastante razoáveis. O que é necessário, principalmente, é escolherem-se peças e não andar à procura de papéis para o artista-empresário.

J. de F., que vem há tempos no seu *Papo de Ferro* perorando sobre coisas de teatro, com aquele acerto e serenidade que lhe granjearam um nome e uma consideração fora do vulgar, entre os que andam inter-bastidores, publicou há dias uma crônica que deve ser ponderada pelos leitores. É a primeira. Começa assim:

Entramos na Quaresma, que segundo a religião católica é a quadra destinada à expiação dos pecados... A não perguntar, como diria o Padre Manoel Bernardes. Fazemos-nos também, nos teatros, uma confissão geral das nossas culpas, que as temos todos, actores, actrizes, ensaiadores, empresários, scenografos, autores e criticos. Toda a gente de teatro tem culpas no cartorio, desde velhos pecados mortais de difficil, senão impossivel absolvição, até simples pecados veniaes, contra o bom-senso e contra o bom-gosto. E, já que todos temos pecados, vá de descarregá-los, com a promessa sincera de não mais comê-los em tentação.

Confissão geral... ou sejam verdades incontestaveis. J. de F. tem categoria para escrever desta forma. Para aqui trazemos trechos da sua crônica, que merece ter tido maior expansão. A cabeça da trepa figuram os empresários. Ora leia-se:

«Começemos pelos empresários! grande parte dos insucessos lhes pertence pela má escolha das peças — algumas duma inviabilidade tão flagrante que a sua exhibição só se pode explicar pelo desejo de bem servir amigos ou pessoas de quem dependem, em detrimento do teatro. Certos autores com um insufficiente critério que roça pela improbidade, pretendem fazer representar peças que de peças tem ás vezes o titulo apenas.»

Nem a propria critica — em cujo elenco predomina o seu nome — lhe escapa. Confessa, mas explica, os pecados que tem cometido. Penitencia-se... Ha que louvar-lhe a attitude...

«A critica tambem tem de lavar-se de muitos pecados. Por mim, aqui deixo o meu poeniffet me muito contrito, eu que não tenho com a gente do teatro outras relações que não sejam de cordal amizade e cortesia. Nunca fui uma peça, nunca perpetrei uma tradução, nunca cortejei uma mulher de teatro.



Alves da Cunha e Berta de Bivar, chegaram a Lisboa e, como sempre, vão mostrar bom teatro, para o que tem auctoridade...

As transigencias que tenho tido podem tilar-se, apenas, numa indulgencia amavel, num honesto desejo de unpar o teatro, nesta degraçadade apavorante.

Aponta o caminho a seguir aos artistas. Indica-lhes o futuro e quer mostrar-lhes o presente — como ele devia ser. Assim fala:

«Actores e actrizes devem de penetrar-se da sua alta missão civilizadora, necessitam de valorizarem-se, valorizando o teatro, estudar com intelligencia, trabalhar com dignidade, procurar acompanhar a ansia de renovação teatral que lá fóra é um facto incontestado, e que, entre nós, não passa da aspiração nobre de meia dúzia de profissionais de vulto.»

Antes de apelar — isto já não vai com apêlos — para uma estreita união dos que trabalham no teatro, J. de F. lança grande parte das culpas do que se vem passando nos teatros aos ensaiadores. Tem carradas de razão. De ha muito vimos dizendo o mesmo. Mas de que serve? Ouçamos J. de F.:

«Val uma grande culpa tambem para os ensaiadores, cuja competencia tecnica cada vez mais rareia. Se fosse obrigatorie um ensaiador em cada companhia, elles appareciam, porque a materia prima é boa, mas... a maior parte das companhias não têm... ensaiadores. E

este absurdo inqualificavel explica em grande parte tambem o insucesso das peças.»

Que meditem nestes pedaços da crônica de J. de F. os que têm culpas... que são todos. Que alguma lição se tire destas palavras, é o nosso desejo. Embora sejamos um modesto trabalhador de teatro, queremos com uma pequena quota parte concorrer para a união de que J. de F. fala e de que tanto necessita o teatro em Portugal.

AS *cocottes*... da arca do E. B. la continuam a rebentar todas as noites. Apesar de estar prohibida semelhança brincadeira carnavalesca, o E. B. consegue autorização para as atirar ao publico. Verdade seja que ele consegue tudo o que quer... Até conseguiu ter escrito a melhor revista da quadra que passou...

VEEM aí mais espanholas. Agora é o J. L. quem as traz. São do genero *chico*... — dizem as gazetas. Não devem interessar tanto... a não ser aos daquela qualidade...

REGRESSOU esta semana a Lisboa a companhia E. B.-A. da C. Ha muitos meses que andava lá por fóra. Val para o T. A. Que entre com o pé direito e trilha bom

caminho, são os nossos desejos. A. da C. merece bem que lhe chamemos o primeiro actor da sua geração. É-o, pelo seu real valor. Devia merecer do publico um grande einho pela grande boa vontade que põe sempre ao serviço do bom teatro...

FALA-SE na breve entrada para o teatro dum rapaz da nossa sociedade... Dizem-no cheio de qualidades e dizem que será um artista com qui se deve contar de futuro. Esperemos pelo debut. Não começemos fazer feições para os patos. Depois de termos visto o que foi do C. A. ...

HA gosto, que embora feito sob uma atmosfera de alegria e proprio duma epoca, são simpaticos. A la da companhia L.-E. ao T. da T. e a visita de agradecimento ao T. do G. da companhia H. L. marcaram não só como graça mas como camaradagem. Os publicos de ambos os teatros riram e aplaudiram calorosamente e os artistas confraternizaram animadamente. No meio do marasmo teatral em que se tem vivido é agradável registar este facto de união de artistas.

O café do Felisberto Manoel não é mau... Demais tomado ao calor daquele fogão maravilhoso que nos prende no *foyer* até altas horas... Ainda não ha nada mais agradável de que o convívio com artistas, mas com artistas que nos dão café... e ás vezes — que o diga o de Vila do Conde — *bombons* e chocolates com factura...

NA companhia do T. N. estão, actualmente, três artistas brasileiros. É quasi uma comuna luso-brasileira.

UM colega nosso registava, ha dias, esta informação:

Foi hoje 28 anos (7 de Maio de 1902) que subiu a scena no antigo teatro do Principe Real, a celebre revista em 3 actos e 12 quadros *A procura do budala*, original de Baptista Denis, com musicas do maestro Manuel Pereira...

Teatros mentiu e flogos, mas ainda nos lembramos daquella quadra, com um grande sino, que percorria as ruas, reclamando a celebre revista. Não a vimos — não tinhamos ainda idade para ir ao teatro — mas recorda-nos de ouvir falar... e de ouvir apreciar o que lá se comentava. Bons tempos, em que as revistas eram revistas... Hoje, as revistas... são tudo menos o que devem ser... Outros habitos...

AQUI fica o aviso aos empresarios teatraes e aos artistas...

Vamos ter muito brevemente cinema sonoro. Dizem-nos que começa daqui a poucas semanas...

Se ele, sendo mudo, tão mal fazia ao teatro, agora sonoro, temos de fugir...

Julgamos mesmo que o unico remedio é não ver, não ouvir e não...

GROSSARIA



Ele: Minha noiva é encantadora. Tem apenas uma coisa que eu de-esto.
Ela: O que é?
Ele: É a mãe.

Elevador da Gloria

Num baile.
Palavra que veio com vontade de me atirar aquela pequena que ali está, mas não sei se ela me dará sorte.
— Se quiser, eu pergunto-lhe! — diz um sujeito do lado, delicadamente.
O quê? Conhece-a?
— Me uma coisa: é minha mu-
* * *
A mãe: — Então, Rosinha, sê uma boa menina e toma o teu óleo de fígado de bacalhau. Não gostavas de crescer e ser tão velhinha como eu?
Rosinha, com hesitação: — Gostava, sim, avózinha; mas queria ficar com a minha cara.

Fazia-me um grande favor se deixasse o óleo nessa máquina, para ela não chiar tanto.
— Deitava-lh'o de boa vontade se o senhor mandasse afinar o seu piano!

Um doente docil:
O medico: — O' mulher, mas que vejo eu? O seu marido está fumando na cama!
— Ai, sr. doutor, se soubesse! Olhe que ele nunca fumou na sua vida; mas só por o sr. doutor lhe ter dito ontem que não podia fumar, agora fuma a toda a hora.

A dona dum casa precisa de creado e apresenta-se-lhe um, a quem ela faz as seguintes perguntas:
— Quanto tempo esteve na casa que deixou agora?
— Dez anos, minha senhora.
— Bom sinal! E que casa era?
— A casa de correccão.

Agosto, ao receber a noticia da morte de um banqueiro egoista, xelama:
— E' pena, porque ele gostava muito de si mesmo; vai ter um grande desgosto!

Um louco, a quem um cão tinha mordido, vendo-o numa porta, pegou na maior pedra que achou e, dando-lhe na cabeça, disse:
— Quem tem inimigos não dorme.

Num restaurante:
O dono: — Homem! Vai levar este prato de uvas águale fregues, que é o freguesal. Dize-lhe que tambem lhe podemos fornecer o regimen bestariano!

Havia um professor de fisica e de sciencias naturais que, á parte o seu vastissimo saber, metia medo aos alunos, porque era possuidor de uma colleção de perguntas que trazia sempre na algibeira do colete, e ainda porque a sua voz, a sua proverbial voz grossa, caia sobre a cabeça dos alunos, como o péso de três raposas. Felizmente, eu escapei de ser vítima do terror que ele inspirava, porque um espertalhão, pai de um meu condiscipulo, me contou esta historia:

Uma noite, ele estava preparando uns trabalhos de revisão, quando, de repente,ouve, debaixo da mesa, um crepitar maloso e saltitante. Sereno, e grande amador de ruidos singulares, entendeu logo o seu espirito com a ideia de que podia entrar uma riquissima distração se conseguisse deparar essas misteriosas ruidos. Quando soube que se tratava de um rato, pediu imediatamente em domestica-lo.

Companha da da noite, as ruidos das suas tentativas, a esperteza de alguns bichinhos de tal modo de ruidos e bichinhos, e a animação de um certo experimento, de que se tratava em termos científicos, mas empregando a sua voz de três raposas ruidos.
— O' seu patife! Tinha de me lembrar o' seu grande medo, e deixava-me agora a trabalhar! A' Voz grossa não ouve?

O rato ficou a olhar para o seu professor, com um olhar que parecia a admirar algum bichinho de ruidos grandes demonstrações de paciencia, para poder vir a ser um animal de professor de ruidos.
O rato, por fim, se viu a horas certas. Era até preciso certas e especiais astucias para o convencer para o seu buraco, porque alguns vezes parecia mostrar desejos de querer dormir na cama com o seu benefitor.

Passou-se tempo. Professor e rato abençoaram-se e, quando o habito criara raizes na ternura do professor de grande voz grossa, o rato, uma noite, deixou de o vir acompanhar ao chá e aos bolinhos.

— O bichinho está doente! — disse á mulher, com o seu costumeado veze-

ção, o professor. Vou fazer-lhe uma visitinha.

Então, acerrou-se do buraco e, depois de ajoelhar, gritou como um homem de bordo, falando para um navio distante:

— O' seu patife! O' seu patife! Então porque é que você está fazendo esta escandalosa gazeta? Se o apinho cá fora, matou.

Dizia estas coisas com a sua voz de meter medo, mas estava verdadeiramente saudoso do ratito.

Ao cabo de muitas cogitações, veio a descobrir o motivo da gazeta. O rato, bem tratado, engordara e não cabia no buraco. Não podia sair.

Com muitas preces, soube no seu vezeiro, a professor alargou o buraco. E, então, o rato fez-lhe uma grande festa.

Na manhã seguinte, o professor viu a sua mulher.

Passado muito tempo, o rato voltou a ser o professor.

— O' seu patife! Tinha de me lembrar o' seu grande medo, e deixava-me agora a trabalhar! A' Voz grossa não ouve?

O professor ficou a olhar para o rato, com um olhar que parecia a admirar algum bichinho de ruidos grandes demonstrações de paciencia, para poder vir a ser um animal de professor de ruidos.

Passou-se tempo. Professor e rato abençoaram-se e, quando o habito criara raizes na ternura do professor de grande voz grossa, o rato, uma noite, deixou de o vir acompanhar ao chá e aos bolinhos.

— O bichinho está doente! — disse á mulher, com o seu costumeado veze-

ção, o professor. Vou fazer-lhe uma visitinha.

Então, acerrou-se do buraco e, depois de ajoelhar, gritou como um homem de bordo, falando para um navio distante:

— O' seu patife! O' seu patife! Então porque é que você está fazendo esta escandalosa gazeta? Se o apinho cá fora, matou.

Dizia estas coisas com a sua voz de meter medo, mas estava verdadeiramente saudoso do ratito.

Ao cabo de muitas cogitações, veio a descobrir o motivo da gazeta. O rato, bem tratado, engordara e não cabia no buraco. Não podia sair.

Com muitas preces, soube no seu vezeiro, a professor alargou o buraco. E, então, o rato fez-lhe uma grande festa.



— As pernas, realmente, são bonitas. O pior é você não ter voz.
— Ora, contrate-me, que eu não danço com a voz.

Mulheres de hoje

Passaram as Cintas! Entraram na Quaresma — e as mulheres mudaram de costumes. Isto é, de trajes antigos. Agora é vé-las. Chindo abaixo de peugas sobre as meias — especie de preservativo contra o frio — a desviar a atenção dos homens. Estes, por sua vez, subiram nos sobretudos, adrognuzaram-se nas tracheiras, calças polainas brancas e os Brummel's de pataco, porque não chegam a meio torso. De monoculo em riste, os homens conquistam as tracheiras dos outros homens, sempre accessíveis aos assaltos. As mulheres, com as tais peugas, por eles passam como cadelas por vinha vindimada.

Ainda ontem interceptámos o seguinte dialogo, por todos os titulos interessante:

A garçonne:
— Meu amor! Eu gosto muito de ti! Mas suicida-te e depois faz uma novela, mesmo um romance. Mata-te, Mary — é o nome dele — que eu entregarei o meu corpo a outro.

A Mary — de calções á Lord Mayor de Cork:
— Filha! Filha! Eu mato-te, sim. Mas o teu corpo, embora defunto, levá-lo-hei para a catacumba do meu Alberto.

Ela:
— E porquê?
— Porque ele é que semeia os rebentos dos aciprestes da minha avó!
— Ah!
— Ah! Ah! Mas são verdes e tristes.

Ele:
— Mas, não a copia da minha figura. Vocês, na Quaresma, são como as puras donzelas em domingos de bom sol: põem tudo á mostra e eu não sou caixeiro viajante. Eu governo-me, sim, mas com as fitas do Maciste — homem real, por quem darei a vida até ao fim do fim do cinema.

Ela:
— Tu gostas do Maciste? Pois vai, que a Gréta ainda é mulher para se desafrontar com ele, lá no céu...

Nesta altura piaram os pardais e a testemunha do facto ocasional eclipsou-se — e a garçonne tambem. Fomos filmar para outro lado.

Preguntará o leitor, sempre fi-ze, se a Mary atirou com os calções ao ar. Não. Limitou-se a cantar a conhecida copla da Espiga — e que grande espiga:

«O' menina da piuga, da piuga, Onde vai com tanta linha, tanta linha. Suba a sala que se enrug, que se enrug,»

Deixe ver mais a perninha!
A canção caiu. E desde que Madalena saiu nos pés do Homem, a Humanidade tambem caiu em Fernes, para ver os Olhos de Agua.



O coço: — Ainda não arranjamos nada e eu já levei uma fome que nem vejo!



— Com V. Ex.^a já são três homens que me pretendem. Acredita que tenho o direito a querer todos três...

GALANTARIA

Ser escritor humorista — é muito mais difícil que ser intermediário na questão da luz.

Ser humorista e ter graça são dois predicados a que a minha proverbial modestia não consente que a pira. Não ter assunto para os artigos é um mal que frequentes vezes me ataca. No entanto, ha varios remedios para o debelar. O mais conhecido é o seguinte:

«Pega-se numa revista estrangeira. Folheia-se e procura-se uma anedocta. Deita-se num tacho. Se é picante, não se abusa da pimenta. Mexe-se bem. Adapta-se a Portugal e procura-se um titulo. Conlimenta-se com umas frases da nossa casa. Reduz-se o principio e amplia-se o mal. Serve-se em prato lavado ao respeitavel publico, que a come como coisa nossa.»

Este processo é muito contingente porque ás vezes tudo se descobre e lá vai o prestígio de autor por a tua a'aixo.

O melhor e seguir o conselho do saudoso André Brun: «Quando a torneira da inspiração não pingar nada, como as da Companhia das Águas, deve contar-se uma anedocta pouco conhecida, dizendo, no entanto, para evitar confusões: — Esta não é minha!»

Andam por aí algumas ao desbarato, e a que vou contar é uma delas. Tem eliste e por isso merece a honra de ser transplantada para o mais belo e escolhido repositório da graça portuguesa — o grande semanario humorístico *Sempre Fixe*.

Ora olham: Certo dia, um conhecido poeta e dramaturgo ia para os lados do Intendente, acompanhado dum seu amigo, que era duma impenetrabilidade mental a toda a prova. Meteram-se num electrico para «Almirante Reis» e sentaram-se num banco lado a lado. A meio caminho, entraram no mesmo carro duas lindas senhoras, das relações

do illustre poeta, que, levantando-se, disse com uma galanteria, absolutamente seculo XVIII:

— «Oh! minhas senhoras!... Que prazer eu sinto ao vê-las!... Embora eu já soubesse que Vossas Excelencias tinham entrado aqui neste carro...»

— «...Mas, doutor, como o adivinhou, se não nos viu subir?» — perguntou uma delas, curiosa.

— «E' que ouvi o condutor gritar: *Anjos!* E não podiam ser outros senão Vossas Excelencias!» — concluiu o poeta, inclinando-se.

O nosso homem que acompanhava o dramaturgo ficou boquiaberto com tal dialogo e disse consigo:

— «Sim, senhor!... Bonitas palavras!... Deixa estar que na primeira ocasião pespeo-as como se fossem minhas... e vou fazer sucesso!...»

E se o pensou, melhor o fez!

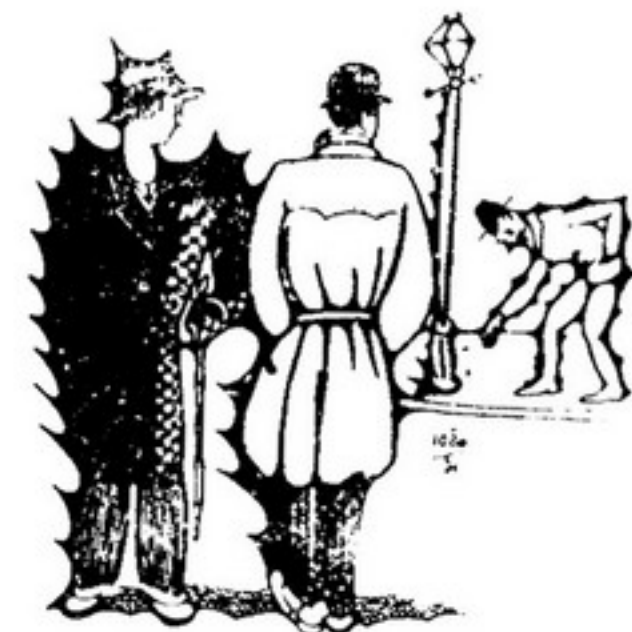
Passados dias, dirigia-se as Necessidades, num carro da Ajuda, para inquirir no Palacio se é possível haver alguma «Maria das Necessidades», como o *Noticias* nos quer impingir, quando viu entrar, no electrico em que seguia, três lindos exemplares da fealdade e deselegancia feminina, que ele conhecia vagamente das soirées das Soisas. Cumprimentou-as com o melhor dos seus sorrisos e disse, galanteador:

— «Eu já sabia que Vossas Excelencias vinham... e que subiram agora, quando o carro parou...»

— «Oh! Mas como o poudes adivinhar?» — perguntou um dos camafeus, deslumbrado...

— «E' que, neste momento — respondeu triunfante — ouvi o condutor berrar: *Patco das Vacas!*... E não podiam ser outras senão Vossas Excelencias!»

Mario Augusto



— O que é a miseria! De toureiro acabou a apanhar pontas de cigarro...

— Também alguma vez havia de trabalhar em «pontas»...

Graca dos outros

— Não podes fazer nada para o novo! Quando arribares tu com essas compras inúteis que fizes sob o pretexto de serem baratas?

— A esposa! Ah! mas esta não foi barata!

Incredulidade!

— Ele! A tua primeira infidelidade, Leonilde, sinto que me matava.

— E tu? Crêdo!... E a segunda?

Um caixeiro de cobrança apresenta-se em casa de um freguez para receber uma conta.

— Tenho ordens formais. Devo insistir sobre o pagamento immediato desta conta.

— Então o seu patrão tem medo que eu fuja?

— Não, senhor; mas é ele que tenciona fugir amanhã.

Barnabé, tendo de fazer jornada e acordando muito cedo, chamou o criado e ordenou-lhe que visse se já era dia.

O criado abre a janela e, vendo tudo escuro, respondeu:

— Ainda não, patrão.

— Pedaco d'asno! — terna Barnabé, enfadado; como havias de vêr o dia se las ás escuras? Ora acende uma vela e vai vêr outra vez.

No tempo em que havia realejos pelas ruas, um tocador desse instrumento ia pacientemente moendo o seu repertorio.

Chega um polieia que lhe pergunta:

— Tem licença para tocar?

— Não tenho.

— Então acompanhe-me!

— Com muito gosto. O que deseja cantar?

No café:

— Então, rapaz! Ha uma hora que estou aqui a espera do meu cognac!

O criado, com um sorriso maligno: — Enquanto o senhor espera vai o cognac envelhecendo.

Um soldado a outro que queria entrar no quartel: — Não se pode passar!

— Tenho ordem verbal do nosso comandante.

— Verbal? Pois então, mostra-me.

— Fig. — Vi hoje uma rapariga linda. Adivinha onde foi.

— Ele, galanteador: — No espelho.

Cronica dos tribunais

Num tribunal da America do norte realizou-se ha dias o julgamento de James C. Flemming, de 29 anos, que em 6 de Janeiro de 1927 azeleiu com três tiros de pistola Jack Burge.

O arguido prescindiu do advogado de defesa e declarou desejar fazer a sua propria defesa no tribunal e interrogar as testemunhas, o que lhe foi consentido.

O que ele não poudes prescindir foi do representante da accusação, que era representada pelo procurador judicial Frank Smith.

O juiz, no final do julgamento, perguntou:

— O reu quer dizer mais alguma coisa?

— Desejo que V. Ex.^a tome em consideração o facto de eu ter já estado na cadeia 11 meses e nunca ter cometido qualquer crime.

— So isso?

— Peço mais a V. Ex.^a para que seja tão benigno, quanto lhe seja possível, na applicação da pena, atendendo a que eu tenho apenas 29 anos de idade e que estava por isso na primavera da vida.

— No meu entender — replicou o juiz — o reu não fez bom uso da sua mocidade, e por isso o sentencio á prisão estadual por um periodo de 12 a 20 anos de cadeia.

No tribunal. O juiz, interrogando o reu:

— Qual é a sua profissão?

— Vivo do ar, senhor juiz...

— Você está a brincar?

— Nada disso, senhor juiz. Eu digo que vivo do ar porque sou fabricante de leques.

Tribunau dos Pequenos Delitos. Preside o juiz, sr. dr. R. M. A ré era uma mulher que se dedicava á pratica de bruxedos. O defensor da arguida era o dr. P., que não é nada pego... Como se tivesse esquecido da sua toga, substituiu-a por uma capa de estudante.

— O juiz observa:

— V. Ex.^a é estudante?

— Sou advogado ha bastante tempo, sr. juiz... Mas continuo a estudar!

— Direito?

— Estudo os magistrados!

— Não admito que V. Ex.^a venha brincar para o tribunal. Faz favor de tirar dos ombros a capa e vestir a toga.

— Não tenho toga! De resto, a uma pessoa que estuda como eu não fica mal envregar uma capa de estudante! Quem tem capa sempre escapa, sr. juiz, e como eu desejo escapar a minha constituinte duma condenação, troquei a toga pela capa.



— Ils sont constants ces Portugais avec sa Tour de Belem... Il; n'ont donc jamais vu notre Tour Eiffel?!

Os dois amigos

Julio e Pedro eram dois homenzinhos a quem a sorte resolvera não proteger.

Largos meses se debateram com a miséria, almoçando e não jantando uns dias, não almoçando nem jantando outros.

O Destino parecia tê-los condenado às maiores torturas e, por isso, Julio e Pedro sofriam tudo com uma paciência extraordinária.

No verão, dormiam em qualquer banco da Avenida; no inverno, uma escada servia-lhes de hotel, repartindo ambos com o maior cuidado o pão que arranjavam, as pontas de cigarro que lhes ia parar as mãos.

Quiz Deus um dia que o Julio encontrasse um amigo de infância que, convido da sua sorte, lhe fornecesse alguns escudos, que o Julio pensou bem em aceitar nalgum negocio.

Assim, e pouco a pouco se aproximava o Julio comprou uma saca de castanhas, que mandou assar no forno e, com um cesto emprestado, pôs-se junto do Banco de Portugal.

Os primeiros dias não foram lá muito bons para o negocio, mas, por fim, não havia empregado algum que não lhe comprasse a mercadoria.

O Pedro, que, em vista do negocio, se afastara um pouco do Julio, dia sim, dia não, passava pelo estabelecimento, a saber como ia o negocio.

— Vai bom, dizia o Julio. — Muito boa, graças a Deus. Todos os empreitados ali do Banco me compram castanhas... Todos me querem ajudar... De manhã a entrada, à hora do almoço e à saída, todos veem aqui ajudar-me. Compram castanhas quasi por obrigação... E eu eu vou arranjando uns escudos...

Ora um dia, o Pedro, sentindo uma enorme necessidade de comer, aproximou-se do Julio, que continuava fazendo negocio em frente do Banco.

— Olha lá, ó Julio, Nós fomos companheiros na desgraça. Tu agora comes todos os dias... Em compensação, eu pas o dias e dias sem comer. Tu é que me podias ajudar, emprestando-me cincoenta mil reis para eu endireitar a minha vida.

— Tem paciência. Não posso... — Mas, ó Julio, tu agora tens dinheiro e não é justo que te esqueças de mim...

— Mas é que não posso... Lá ter dinheiro, tenho... mas...

— Mas o quê, homem? — É que eu fiz um contracto com o Banco.

— ?!... — Nem o Banco pode vender castanhas, nem eu posso emprestar dinheiro!

BERTLAND IRMÃOS, Lda
FOTOGRAVADORES
TEL. T. 96
L DA CONDESA DO RIO
L I S B O A



Que
delicia!



DOCTOR HILLERS

Pastilhas alemãs diversas

Frutas sortidas, laranja, limão, Ariosan, Peppermint e Eucalipto-mentol

A' venda em todas as boas casas que se presam

Vejam as Exposições nas casas:

PASTELARIA DELICIA DE LISBOA-Vilarinho & Trindade-R. Aurea, 264

PASTELARIA VICTORIA-Martins de Pina & Botelho Lda.-R. do Mundo, 143

J. Alcobia-Avenida da Liberdade, 91 a 103

UM PARADOXO

Anacleto Lavadinho, pessoa grave, circunspecta, saíra do seu escritório à hora habitual para ir até à Garrett almoçar.

A caminho, no Chiado, uns rapazes estudantes encheram-lhe o sobretudo dum liquido bastante mal cheiroso, e o nosso homem, sem dar por tal, caminhando a passos de paquiderme, entrou com toda a compostura de pessoa limpa no dito restaurante. Tomou assento a uma mesa, botou a mão ao *menú* e leu.

No mesmo instante, e como se Lavadinho trouxesse consigo a cauda dum ciclone, o grupo que estava abançado na mesa ao lado levantou-se de tropel e em barafusta, levando os dedos ao nariz...

O criado, surpreso, interveio a inquirir da causa daquela tumultuosa evasão dos frequentes; porém, fazendo causa comum com os protestantes, tapou o nariz e rodou nos calcanhares a caminho da despensa.

Como quem não deve não teme, Anacleto Lavadinho, tranquillamente, esperava que o servissem, estranhando, todavia, a insolita atitude de toda aquela gente, que o mirava desconfiado. E' que o seu deficiente olfato o atralçoava, ignorando, portanto, que era ele a causa daquele ambiente asfíxiante...

De facto, junto dele respirava-se uma pitadona que era da gente vomitar! O gerente da casa, sabedor do incidente, aproximou-se de Anacleto e disse-lhe:

— V. Ex.ª não está aqui bem... Talvez, mesmo, não saiba o estado em que está...

Anacleto deu um pulo na cadeira e respondeu indignado:

— Não sei o estado em que estou?! Então estou ébrio ou mal composto, que não possa aqui estar?

— Não se trata nada disso — esclareceu o gerente com força de cortezia. — Talvez uma indisposição... um pequeno descuido...

— Qual descuido?... Eu sei muito bem o que faço e onde estou! De resto, quero o senhor saber quem sou?

E mostrou o cartão.

COLAÇO & LAVADINHO

Fabricante de papel higiénico

O gerente leu o cartão e decidiu: — Pois então V. Ex.ª ha de dar-me licença que avise telefonicamente o seu socio Lavadinho de que V. Ex.ª se encontra aqui muito indisposto.

— Lavadinho?!... Lavadinho sou eu! Colaço é o outro... o meu socio! Então não querem lá ver estes sujeitos!

E Lavadinho, indignado, dava murros sucessivos na mesa, cuja agitação produzia ainda maior cheirete.

O gerente, tomando então o braço de Anacleto, disse-lhe formalmente:

— Pois se é Lavadinho, não parece... O senhor cheira a porcaria que tresanda e nesse estado não pode aqui permanecer. Lave-se... lave-se e depois então apresente-se — Lavadinho.

E, de dedo no nariz, o gerente acompanhou até á porta o pobre Anacleto.

PIG-MEU.

Pedidos

Telefone T. 2627



A fita que mais me deu no góto esta semana foi *As Aventuras do Principe Achmed*, que corre no Tivoli. E não julguem que lhes digo isto a brincar. Que me seja permitido ao menos uma vez, sem exemplo, falar a sério numa coluna que foi construída no fixíssimo edificio do *Fixe* com a excelente intenção de ser a sustentáculo da cinegracia lusitana.

Gostei imenso porque, além de todo o realissimo merito daquela obra-prima, não sou obrigado a dizer mal de nenhum interprete conhecido ou desconhecido. A bonecada da papel — aquela nem sequer tem feições! — é quasi sempre anonima e sempre susceptivel, isto é: não vai aos arames com uma inofensiva laracha cá da minha lavra.

Porque nem calculam as sensaborias que me acarreta esta triste missão de grageador. Todas as semanas o correio da America vem carregado com cartas do Hollywood, assinadas pelos mais conhecidos nomes da pantalha. As estrelas insultam-me, os azes ameaçam-me chamam-me insolente, atrevido, malcriado e outras indecências em ingles; prometem-me enxertos memoraveis, sovas mestras e outros golpes proibidos. Mas como o Criador, para evitar desordens, teve o cuidado de colocar entre mim e os meus antagonistas não só o Oceano Atlantico mas ainda uma data de quilometros em caminho de ferro, eu finjo que não é comigo e continuo a dizer o que me apetece, impune e altaneiro.

Mas no outro dia recebi uma carta anonima que me tem trazido apreensivo. Pela letra, ou antes, pelo tipo da maquina de escrever, parece ser da Greta Garbo. O teor é de fazer corar um granadeiro ingles.

Quem havia de dizer! A D. Greta Garbo parecia tão fina! A não ser que não seja dela... Mas, então, não sendo dela nem de certo cinéfilo lisboeta (a estampilha é dos U. S. A.) — não sei de quem seja...

Já padeci o martirio de *Miss Edith Cavell*. Já fiz *A Rusga* no São Luis, em busca dos bandidos que por lá ficaram desde o *Club 73* (foram eles que patearam o *Vê e Amar!*). Já fui vêr o *Canto do Prisioneiro* para me preparar para *Os Prisioneiros do Mar*. Voltei a fazer penitencia no Condes por amor de *Nossa Senhora de Paris*.

Na semana anterior perdi-me com as *Vidas Perdidas*, de tal forma que, se não fosse o *Amor e Nobresa* da minha alma generosa, aquilo tinha acabado mal...

E ainda ha quem não acredite que eu, quando morrer, vá direitinho que nem um foguete para o céu dos cinéfilos!

Aqui muito para nós, as fitas faladas — as autenticas, as *Talkies!* — não tardam ai uma loja de barbeiro. Ao menos que caiba deixar ao *Fixe* a gloria desta noticia de primeira ordem em primeirissima mão. Mas não digam nada a ninguem, porque é segredo.

Eu sei que vai haver quem não acredite, quem diga que é balela de boateiro em disponibilidade, propalada por um periodista falho de caixas sensacionais. Mas, francamente, se não houvesse uma ou outra escôva a amenizar esta insípida vida cinéfila alfacinha, confessassem que ela não tinha graça nenhuma.

RETARDADOR.

ALBUNS

No numero que publicamos sob este titulo, da Agencia Cinematografica de Portugal, saiu Rua Passos Manuel, n.º 105, 3.º, quando o numero é 102, 3.º, E.

DESSPORTOS

A REABILITAÇÃO DOS CRITICOS

Para ser critico de *foot-ball* são precisas duas qualidades muito dificeis de reunir.

Ora eu estou já a ouvir um hemensinho que eu conheço, dizer: — *uma delas é saber «foot-ball».*

Não! Ilustre vaidoso! Saber de *foot-ball*, sabem todos. Desde o melhor critico até ao es-

desafio. Grande parte dos deslises dos bons criticos está nisso: — não souberem ver aquele jogo. Porque estão distraidos, ou mal dispostos, ou mal colocados, ou porque simpatizavam com um dos grupos, ou porque a actuação dum jogador lhes atraiu a atenção em prejuizo doutros, etc.

FOOT-E-TALL... (E COISAS)



A BOLA — Desta vez os «shoots» foram para todos menos para mim!

pectador de boina da paraf. O que este não sabe é ver ou dizer o que viu.

Eu não sei sempre muita graça a essa *paraf* dos radicais que pretendem elevar o *foot-ball* à categoria duma sciencia comprehensivel para raros apenas. Uma brincaadeira entre dois grupos de onze rapazes tem, na opinião desses intellectuais de pia muito mais transcendencia do que a geometria analitica ou o calculo integral.

Mas enfim! Tudo é relativo. É possivel que o *foot-ball* tenha transcendencia para quem passa a vida diaria a escurtar o *baer* e o *haer*.

Per consequente, saber de *foot-ball* sabem todos. Então quais são as duas qualidades muito dificeis de reunir para ser critico.

A primeira é — *saber ver*. Pode saber-se imenso de *foot-ball*, pode ter-se sido um jogador extraordinario — e ver-se mal um

A segunda qualidade é — *saber escrever o que viu*.

É um requisito *brado do dia*. Porque *saber escrever* significa uma descriçao simples mas completa, synthetica mas luminosa. Além disso: elegante. E se fôr possivel, com um toque de *humor*.

Para ser um critico digno desse nome ha mais que ler as papelas dos criticos — já de si criticos de criticos — isoladamente.

É a esta o motivo por que os nossos bons criticos — com gana pessoal, com ideias originaes e *fazenda diferente dos outros* — se contara pelos dedos duma unica mão.

Os outros... Os outros são uns *reporters* — mas muitissimo maneiros.

O publico ri quando vê trocar das criticas.

Mas, se depois dum desafio fosse possivel obrigar os espectadores a escreverem uma criticasinha... tambem havia de haver muita gargalhada...

O NOSSO GRANDE CONCURSO

DOS

SILVAS DO FOOT-BALL

Todas as reputadas firmas de todas as especialidades desportivas capricharam em valorizar o nosso super-grandioso Concurso dos Silvas do Foot-ball, oferecendo premios tão valiosos como assombrosos.

Publicamos hoje a ultima lista de devidas graciosas. Diremos mesmo: — *graciosissimas*...

E publicamos hoje a *ultima lista* porque resolvemos fechar irrevogavelmente a porta a mais premios. E-nos completamente impossivel receber mais — seja o que fôr. Ainda hoje, ao fechar esta pagina, o sr. Viegilio da Fonseca quiz oferecer o seu amadoriano intellectual. Pois apesar da oferta occupar um reduzido volume, que se não viu a olho nu, não queremos abrir uma excepção e não a aceitamos.

Esta nossa decisao explica-se pelo facto de que a affluencia de premios nos colocou numa singular situacao.

Os grandes diarios specialisados em *concorraçoes* e em *dificuldades* para encaixar com premios para concorrentes mil concorrentes. E assim se explica a accoção de premios como: um quilo de Choucho da Mercatoria A e um quilo de pó de sapatos da Draguina B. O premio do pó de sapatos não é *portátil*. Veja-se a lista completa dos premios das *Motors do Foot-ball*.

No super-excepcional concurso do *Sempre Fixe* aconteceu justamente o contrario. Os premios são tantos que temos que dar dois a cada concorrente. E, com franqueza: — isto parece mal. E nem nós queremos prejudicar o negocio dos colegas grandes. Por isso, o

nunca mais acaba a recepção de cadernetas, mas acabou a recepção de ofertas. Segue a ultima lista:

ALEXANDRE MENDONÇA ALVES oferece-se para ensinar a ganhar dinheiro. Este senhor pretendia tambem oferecer um automovel *Chevrolet*. Mas, atendendo a que so no ano passado se venderam mais de mil e duzentos, achamos que o premio era banal.

MARIANO COELHO oferece um *basquinho* de lagrimas de Setubal. Este premio é muito comovente.

NOBRE GUEDES oferece uma bela *caixa* de verdadeiro *gentle-sport*. Premio muito valioso porque es moides partiram-se.

LACPINDO GRUJO oferece um lote de *Agaves*, mais baratos para *ambos*.

RIBEIRO DA COSTA oferece o que fôr susceptivel de agradar a *concurrida fixa*...

DR. OLIVEIRA MONTEIRO oferece um *Relógio* muito bem pensado e organizado... desde que lhe garantem uma centos para premios.

CORREIA LEAL oferece uma franceza barata do *Chat Noir* e uma caixa de *fantasia* cocaina.

ABILIO NUNES DOS SANTOS oferece o melhor volante de *Portugal* e duas dúzias de balões *patões* para os meninos. Mas aproveita a occasião para lembrar que os *Armazens do Chindo* são os que vendem mais barato.

UM CRITICO IMPARCIAL oferece o seu emblema do *Bemfica*, em ouro, com diamantes e rubis.

Quem é este?



Chamam-te prata lavrada
Não ligués, que vale mais
A prata já trabalhada
Que muitos ruíns metais

Esta palavra *aldrabão*,
Aquele que a inventou,
P'la primeira vez que a disse
Com certeza que *aldrabou*.

Conjuga o verbo *apitar*
É um esplendido *colega*.
Apita para ganhar
Aa massa que nunca chega.

amos de flôres lhe ofertaram
pós o nome que tem.
Arbitra sem se ralar
Menos mal, mais vezes bem.

O' Silva conta-me historias.
O' Silva diz-me piadas.
Que o teu calção faz-me rir,
Faz-me rir ás gargalhadas.

Augusto é nome importante,
É nome de imperador.
E agora, leitor, calcula
Quem será este senhor.

ZE' MARIA.



-TRÊS AMIGOS

ECOS DA SEMANA

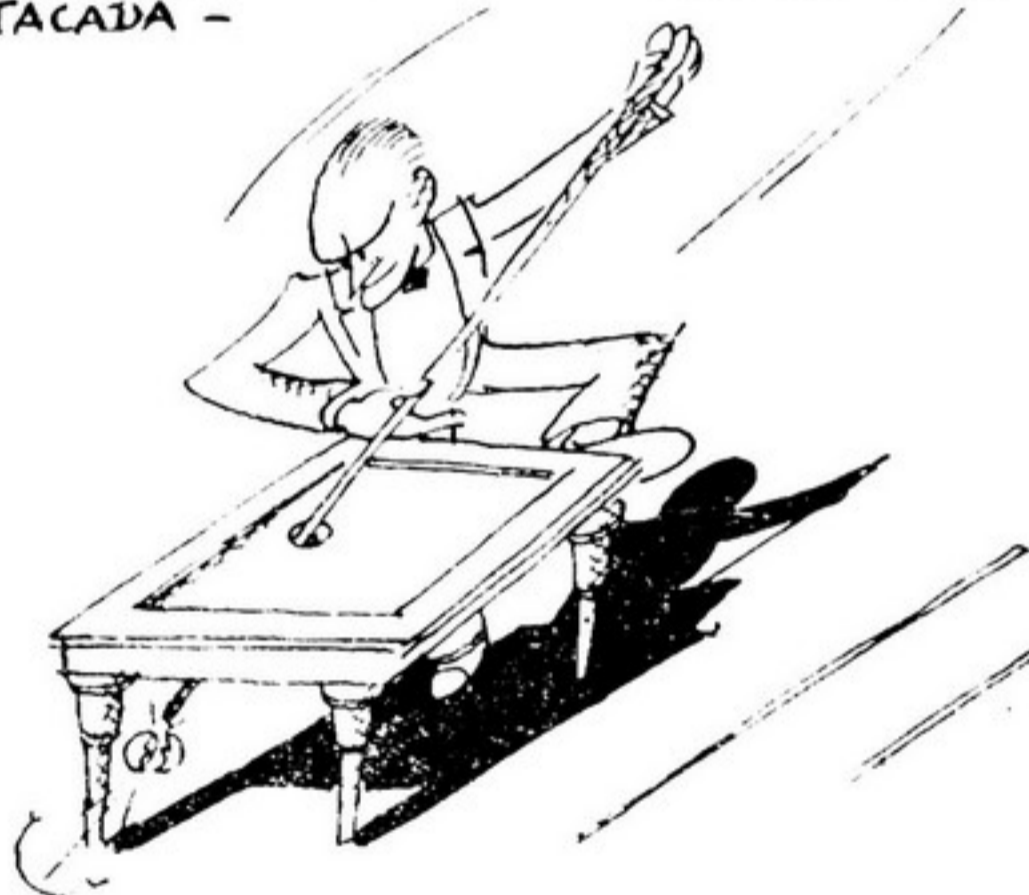
"CROQUIS DA MAQUETTE APROVADA NO CONCURSO PARA O MONUMENTO A JOÃO DE DEUS, - EM PEDRA SERÃO LAVRADOS OS VERBOS "MAL DE PÉS" (JUNTO AO TANQUE)



JOHN BULL DANÇA NA COBRA BAMBA AO SOM DA MÚSICA DE GHANDHI -



3º PREMIO EM BILHAR NO CONCURSO DE BARCELONA - NÃO ADMIRA PORQUE SOMOS MUITO FORTES EM TUDO QUE SEJA TACADA -



NA ACADEMIA DAS SIENCIAS ESTÃO REUNIDOS OS Nossos MELHORES GEOLOGOS NO ESTUDO PRÁTICO DA EVITAÇÃO (A VALSA) DE FUTUROS TREMORES DE TERRA E MAR -



FORAM PARA A BELGICA CHEIOS DE MANTEIGA "OS JORNALISTAS BELGAS -

DIZ-SE QUE HOVE QUEM DESSE MARGARINA POR MANTEIGA...

... E POR TANTA FARTURA ESTABELECEMOS EM BRUXELAS UMA VENDA DESSE PRODUTO -



MARGARINE (VAIA A FONTE) PORTUGAISE



(+) PURA

B O T E L I N O